

DANÇAS POPULARES E DECOLONIALIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO CATARINENSE DAS DANÇAS POPULARES

ANA BEATRIZ MAGALHÃES MATTAR¹; CARMEM ANITA HOFFMANN²; MARCO AURÉLIO DA CRUZ SOUZA³

¹Universidade Federal de Pelotas – biatap@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – carminhadanca@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – carminhadanca@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – marcoaurelio.souzamarco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As danças populares brasileiras, fundamentadas em tradições indígenas, africanas e ibéricas, têm funcionado como espaços de resistência, criação e transmissão de conhecimentos ancestrais. Este estudo descreve a experiência do Encontro Catarinense das Danças Populares, que ocorreu de 25 a 27 de agosto de 2023 nas cidades de Florianópolis e Itajaí/SC. O evento trouxe artistas, mestres, pesquisadores, docentes, alunos e brincantes para discutir as práticas de corpo, território e memória nas danças populares. A ação, premiada com o Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura, destacou a força desses encontros como medidas afirmativas e decoloniais. Este relato estabelece um diálogo com docentes, pesquisadores, artistas e escritores como Valéria Pinheiro. Jessé Cruz, Gustavo Côrtes, Milton de Andrade e Marco Aurélio da Cruz Souza participaram das palestras e oficinas do evento, abordando a poética e a educação nas danças das manifestações culturais brasileiras, os conhecimentos afroindígenas, as performatividades contemporâneas e a importância das rodas na criação de epistemologias populares como pedagogia do saber. Este texto visa relatar as interações ocorridas durante o "Encontro Catarinense das Danças Populares", descrevendo as vivências de artistas, professores, autores e pesquisadores.

¹ Doutoranda em Artes (UFPEL), Mestre em Dança na Contemporaneidade (FAV/RJ). Especialista em Economia Criativa, Cultura e Inovação (UNIVALI/SC) e em Linguagem e Poética da Dança (FURB/SC) Artista produtora e coreógrafa, integrante do grupo de pesquisa MEP e de extensão NUFOLK da UFPEL

² Professora do Curso de Dança-Licenciatura e Professora do Centro de Artes da UFPEL, Doutora em História pela PUCRS. Coordena o Festival Internacional FIFAP e BAILAR, projeto de pesquisa Aspectos Históricos da Dança no Rio Grande do Sul e Visualidades Tecidas em Corpos Poéticos na Contemporaneidade. Integra os grupos de pesquisa: OMEGA-UFPEL.

³ Doutor em Motricidade Humana na especialidade Dança pela Universidade de Lisboa - Portugal. Professor adjunto do curso de Dança Licenciatura e do PPGArtes da Universidade Federal de Pelotas. Coordenador e pesquisador do Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPEL (OMEGA UFPEL - CNPq).

2. METODOLOGIA

Este é um relato de experiência com enfoque qualitativo e fundamentação fenomenológica, pois valoriza a escuta atenta e a experiência corporal no processo de pesquisa. As informações foram obtidas por meio da participação ativa nas atividades do Encontro, que incluiu palestras, mesas-redondas, oficinas e apresentações culturais. Os principais instrumentos metodológicos empregados foram a observação participante e o registro em diário de campo. As experiências descritas são organizadas com base na escuta ativa das falas de mestres, mestras, pesquisadores(as) e artistas, além da participação imersiva nas práticas corporais. Registros audiovisuais, entrevistas informais e materiais fornecidos pelos organizadores do Encontro também foram usados para documentar o evento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Encontro contou com a participação direta de cerca de 200 pessoas e teve um público presencial de aproximadamente 1.000 pessoas, além de 1.500 visualizações online. Durante três dias, houve seis palestras, cinco oficinas, quatro apresentações culturais e sete rodas de conversa. Um dos pontos altos foi a fala do Prof. Dr. Milton de Andrade (UDESC) discutiu a performatividade nas danças brasileiras, desafiando os mecanismos coloniais que marginalizam os conhecimentos populares nas instituições formais. Para Andrade, as danças consideradas "populares" são contemporâneas por essência, uma vez que renovam mitologias e práticas em contextos ativos de resistência. Valéria Pinheiro apresentou um testemunho poderoso de uma vida marcada pelos tropeços e pelas danças identitárias do sertão cearense. Ao narrar sua trajetória desde a infância até o palco profissional, recuperou a corporeidade do brinquedo como um recurso epistemológico. Na conferência intitulada "O corpo negro e as danças de motrizes africanas", o Professor Dr. Jessé Cruz enfatizou a importância da ancestralidade, da oralidade e da circularidade na criação das danças afro-brasileiras, destacou a relevância de valorizar as estéticas negras e os processos de criação coletiva. O Prof. Dr. Marco Souza abordou as dificuldades de integrar as danças populares na educação formal, sugerindo uma perspectiva decolonial e relacional em sua reflexão, destacou a rua como um espaço essencial para as danças populares, considerando-a um território de criação, improviso, encontro e energia criativa. Segundo ele, as danças que surgem nas ruas trazem a imprevisibilidade e o improviso como fundamentos, características que frequentemente estão ausentes na estrutura rígida da educação formal.

As oficinas práticas, como Samba de Coco, Tambor de Crioula e Maracatu, com artistas de Florianópolis e Itajaí, possibilitaram experiências corporais em seus coletivos. Os momentos de compartilhamento com mestres e mestras da tradição oral, como o grupo Tape Mirim, de etnia guarani, com o escritor Kaká Werá e o Pungadaçú de Itajaí com o Mestre Castro, foram momentos marcantes. Como formação simbólica, as danças, falas e cantos, consolidando-se como um espaço de igualdade, proteção e conhecimento compartilhado no coletivo.

A presença de Kerexu Yxapyry, líder indígena da etnia Guarani de Santa Catarina, à ocasião, ocupante do cargo de Secretária de Direito Ambiental e Territorial Indígena do Ministério dos Povos Indígenas do Governo Federal, enfatizou a importância de reeducar o Brasil utilizando a sabedoria indígena, a proteção da terra e a escuta dos povos indígenas. Ao destacar que a luta dos povos indígenas para além da batalha local por terras em um cenário de urgência global valorizou o evento com sua participação que transcende o aspecto cultural e se torna uma ação política e educativa de reeducação do Brasil.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Encontro Catarinense das Danças Populares, no âmbito da proposta contemplada pelo Prêmio Elisabete Anderle de Santa Catarina evidenciou que o espaço de educação, recordação, resistência e criação, por meio de falas, danças, cantos e saberes compartilhados consolidam epistemologias vivas que desafiam os paradigmas coloniais e acadêmicos. A experiência destacou a força dos encontros presenciais e da arte enquanto política pública que considerem os conhecimentos tradicionais como patrimônios vivos e garantam a participação de mestres e mestras em escolas, universidades e espaços de decisão. Ao reconhecer a dança como uma prática política e poética, o evento destacou a importância dos encontros como experiências educativas e transformadoras, fomentando diálogos interculturais, inter e multidisciplinares em Universidades, cidades, aldeias, praças e por todos os cantos em que essas manifestações culturais se inserem.

O Encontro Catarinense das Danças Populares recebeu uma força política estratégica significativa em sua edição, pois foi possibilitado por um edital público. Isso demonstra que a cultura popular é reconhecida como uma política pública, uma expressão legítima da diversidade e um território de saberes ancestrais. Ao receber financiamento estatal, o projeto deixa para trás a lógica do improvisado ou da exclusão e passa a integrar o campo das ações estruturantes que promovem deslocamentos epistemológicos e reparações simbólicas. Trata-se de um ato de validação, proteção e continuidade dos corpos e vozes que dançam a história do Brasil de forma ascendente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. Danças dramáticas do Brasil. São Paulo: Itatiaia, 1982.

CÔRTEZ, Gustavo. Dança Brasil. Belo Horizonte: Sarandeiros Editora, 2014.

CRUZ, Jessé. Corpo negro e danças de motrizes africanas. [S.l.]: Encontro Catarinense das Danças Populares, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c-4NLYH3S60>. Acesso em: 28 jul. 2025.

PINHEIRO, Valéria. Sapateios, trupés e identidade brincante. [S.l.]: Encontro Catarinense das Danças Populares, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QumYD4l9a90>. Acesso em: 28 jul. 2025.

SOUZA, Marco Aurélio da Cruz. Tradição e escola: desafios decoloniais no ensino das danças populares. [S.l.]: Encontro Catarinense das Danças Populares, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vzM-69SZHHc>. Acesso em: 28 jul. 2025.



11ª SIIPE
SEMANA INTEGRADA
UFPEL 2025

XXVII ENPÓS — ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

WERÁ, Kaká. Oré Awé: todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: Peirópolis, 1994.